

# “O sedutor fulgor dourado no ventre da serpente *vita*”. Nietzsche e o (não)-valor da verdade\*

Maria Cristina Fornari\*\* 

**Resumo:** O artigo aborda o tema do (não) valor da verdade em Nietzsche e o seu convite a abrir-se à possibilidade de uma nova tábua de valores baseada na afirmação do devir. Se a “verdade” é interpretada como um corpo de mentiras funcionais à negação da vida e à inversão dos valores vitais, a transvaloração não implica novos absolutos, mas sim o surgimento de métodos histórico-científicos e genealógicos capazes de devolver à filosofia um caráter perspectivo e criativo.

**Palavras-chave:** verdade, mentira, imanência, perspectivismo.

Não é necessário deter-nos longamente no que Nietzsche afirma relativamente à verdade. Este tema é central para a maioria dos filósofos e ele não é exceção: desde o primeiro texto não publicado que todos conhecemos, *Sobre verdade e mentira em sentido extra-moral*, de 1873, a

---

\*Tradutores: Pietro Gori. Correio eletrônico: pgori@fcsh.unl.pt. Paolo Stellino. Correio eletrônico: paolo.stellino@fcsh.unl.pt

\*\*Universidade de Salento, Lecce, Itália. Correio eletrônico: mariacristina.fornari@unisalento.it

preocupação de Nietzsche é perceber não só a origem e a natureza daquilo que todos (mais ou menos) definimos como verdade, mas também porque é que a amamos tanto. A resposta é conhecida: a verdade é um conjunto de mentiras e erros partilhados que nos permitiram sobreviver, e os motivos de tanta paixão pela verdade vão desde o receio do ostracismo - o medo de ser excluído do círculo mágico dos falantes - ao bem-estar que transmite aquilo que é estável e conhecido<sup>1</sup>. Estabelecer uma verdade, *a* verdade, é uma necessidade psicológica (talvez seja mais apropriado defini-la como *psico-fisiológica*) para quem precisa de âncoras, de pontos firmes, para quem sucumbiria à revelação do eterno devir e do caos eterno: tanto povos como indivíduos, tanto culturas como estruturas sociais.

É muito fácil constatar isso na história da filosofia, como é óbvio: veja-se, com as palavras de Nietzsche, a ingenuidade de Spinoza e Descartes, para os quais tem valor aquilo que permanece eternamente igual a si mesmo<sup>2</sup>. “Todos os filósofos tiveram como objetivo demonstrar o eterno persistir” (NF/FP 1887, 11[153], KSA 13.72); “A filosofia como a arte de descobrir a verdade: assim, segundo Aristóteles” (NF/FP 1887, 9[57], KSA 12. 363); “Eu, Platão, *sou* a verdade” (GD/CI, Como o “mundo verdadeiro” finalmente se tornou uma fábula, §1): a história da filosofia é principalmente uma história de posições dogmáticas, de pombais conceptuais e avaliativos, um abandono do mito à procura da luz mais fulgurante do conhecimento. “Naquele tempo, o conhecimento tinha um

1 Cf. WL/VM, §1. KSA 1. 875.

2 Cf. NF/FP 1887, 9[26], KSA 12.348.

brilho ainda maior” - recorda Nietzsche em *Humano, demasiado humano* referindo-se aos Gregos - “ainda era novo e pouco sabia ainda de todas as dificuldades e perigos dos seus trilhos; ainda podia, então, ter a esperança de, com um único salto, chegar ao centro de todo o ser e, a partir daí, resolver o enigma do mundo” (MA I/HH I 261, KSA 2.214). Axiomas e valores provenientes dos tempos primitivos: “quem poderia derrubá-los, estes pesados gatos de granito?” (NF/FP 1887, 9[59], KSA 12.363). Talvez o próprio Nietzsche, que confiou as suas maiores esperanças numa obra épica, destinada a dividir a humanidade em dois, e que se intitula, não por acaso, *Transvaloração de todos os valores*? Mas o que significa transvalorar? Derrubar e fazer escombros desses ídolos para depois nidificar nos espaços que ficaram vazios? Claro que não: Nietzsche não é metafísico o suficiente para isso, apesar do que alguns dos seus intérpretes possam dizer (aliás, ele lembra-nos ainda em *Humano, demasiado humano* que “a divinização do devir é uma perspectiva metafísica” (MA I/HH I, 238, KSA 2.200).

Do ponto de vista editorial, a *Transvaloração de todos os valores* é, como sabemos, *O Anticristo*, uma obra de grande política, como Nietzsche afirma numa conhecida carta a Georg Brandes no início de dezembro de 1888<sup>3</sup>. Trata-se da tentativa de enfrentar de forma aberta e crua o Cristianismo, já então a síntese decadente de tudo aquilo

3 Carta 1170 do epistolário. Que *O Anticristo* represente para Nietzsche toda a *Transvaloração de todos os valores* (subtítulo da obra *Vontade de Poder*, à qual Nietzsche tinha conscientemente renunciado em 1888) foi esclarecido por Mazzino Montinari desde a época do seu trabalho na edição crítica (cf. por exemplo Montinari, 1975). Contudo, mesmo em tempos mais recentes, para alguns a questão não pode ser considerada resolvida: cf., por exemplo, Brobjer (2011), em debate com Winteler (2009). Cf. também Souladié (2024).

que se contrapõe à natureza, com o objetivo de derrotar os espíritos mais fortes e vitais (“Que seja sumamente *desonroso, vil e sórdido* ser cristão é um juízo que se depreende incontestavelmente do meu *Anticristo*”<sup>4</sup>); uma espécie de detonação que, em cadeia, faria cair como peças de dominó todos os elementos do mundo moderno decadente, irremediavelmente ligados à perspectiva cristã. Giorgio Colli sente a necessidade de colocar uma pergunta preliminar: se o Cristianismo é, por excelência, contranatura, qual é a raiz dessa monstruosa inversão do impulso vital? Como pode a vida negar-se a si própria de tal maneira? Segundo Colli<sup>5</sup>, *O Anticristo*, embora fale uma linguagem histórica, representa a resposta teórica a esta questão: o eixo supremo em torno do qual gira esta inversão é a mentira. Mentira como tornar firme, tornar verdadeiro e duradouro, reinterpretar no sentido do ser, mas também como “*não querer ver algo que se vê; não querer vê-lo tal como o se vê*” (AC/AC 55, KSA 6.237): um instinto teológico que Nietzsche reconhece em toda parte e que representa “a forma realmente *subterrânea* de falsidade que existe na terra” (AC/AC 9, KSA 6.175).

Quem possui sangue de teólogo no corpo<sup>6</sup> já tem ante todas as coisas uma atitude enviesada e desonesta. [...] O que um teólogo percebe como verdadeiro *tem* de ser falso: aí se tem quase que um critério da verdade. Seu mais fundo instinto de conservação proíbe que a *realidade* [*Realität*] receba honras ou mesmo assuma a palavra em algum ponto. Até onde

4 Carta 1170 do epistolário.

5 Cf. Colli, 1982, p. XIV.

6 E, portanto, também o filósofo, pois “A história da filosofia é uma *fúria secreta* contra os pressupostos da vida, contra os sentimentos de valor da vida, contra a tomada de partido a favor da vida” (NF/FP 14[134] 1888, KSA 13.317).

vai a influência do teólogo, o *juízo de valor* está de cabeça para baixo, os conceitos de “verdadeiro” e “falso” estão necessariamente invertidos: o que é mais prejudicial à vida chama-se “verdadeiro”, o que a realça, eleva, afirma, justifica e faz triunfar chama-se “falso” (AC/AC 9, KSA 6.175).

O cristão - quer dizer, o homem moderno - nega o carácter da existência tal como lhe é dado percebendo-lo uma vez que as vendas caíram dos olhos. Ele olha com terror para aquilo que, para Nietzsche, representa talvez o ponto mais alto da sua transvaloração: “O mundo *que, de algum modo, nos diz respeito* é falso, ou seja, não é um fato, mas sim uma invenção e um arredondamento sobre uma magra soma de observações; está ‘em fluxo’, como algo em devir, como uma falsidade que se desloca continuamente e que nunca se aproxima da verdade: pois - não há ‘verdade’” (NF/FP 1885-86, 2[108], KSA 12.114).

Aliás, *Quid est veritas?*<sup>7</sup> - perguntava Pilatos a Jesus, que se proclamava *testemunha da verdade*:

O nobre escárnio de um romano, ante o qual se comete um impudente abuso da palavra “verdade”, enriqueceu o Novo Testamento com a única frase que tem *valor* - que é sua crítica, até mesmo sua *aniquilação*: “que é a verdade?” (AC/AC 46, KSA 6.223).

A verdade é anulada (*vernichtet*): será, então, uma fatalidade sucumbir necessariamente ao niilismo? Mais uma vez, não: como sabemos, Nietzsche procura precisamente contra-movimentos (*Gegenbewegungen*) em relação ao niilismo - inclusive àquele provocado pelas suas próprias batalhas filosóficas. Partindo do princípio de que se trata de uma questão de forças em jogo a serem empregues

7 Jo, 18, 38.

utilmente para o futuro do tipo humano, “a luta contra Platão, ou ... a luta contra a pressão cristã-eclesiástica de milênios, ... produziu uma magnífica tensão do espírito, como até então não havia na terra: com o arco assim teso pode-se agora mirar nos alvos mais distantes” (JGB/BM, *Prefácio*). Uma vez libertos do cristianismo e de todas as suas encarnações modernas, “os sentimentos de valor [*Werthgefühle*], que até agora tinham sido *desperdiçados* com o mundo do ser, voltam a estar livres” (NF/FP 1887, 9[60], KSA 12.364). Podemos, então, - e até devemos - recomeçar do zero. Mas como?

No *Anticristo*, Nietzsche escreve:

Não subestimemos isto: *nós mesmos*, nós, espíritos livres, já somos uma “transvaloração de todos os valores”, uma *encarnada* declaração de guerra e de vitória em relação a todos os velhos conceitos de “verdadeiro” e “não verdadeiro”. As percepções mais valiosas são alcançadas por último; mas as percepções mais valiosas são os *métodos* (AC/AC 13, KSA 6.179).

Os métodos são os da ciência, da história e da observação psicológica, inaugurados desde *Humano, Demasiado Humano*. “Aprendemos as coisas diferentemente” (AC/AC 14, KSA 6.180) - continua Nietzsche: por exemplo, a recolocar o homem entre os animais; a retirar todo o poder ao conceito abusado de “vontade”; a destituir o “espírito”; a permanecer à superfície por profundidade, à maneira grega; a tentar situar-nos para além do bem e do mal - de modo que os sentidos não nos mentem nem nos iludem, simplesmente testemunham<sup>8</sup>; a encontrar alegria na mudança e no devir, mas sobretudo a *interpretar* de forma

8 Cf. GD/CI, “A ‘Razão’ na filosofia”, 2, KSA 6.75 ss.

perspectiva, ou seja, a filosofar no sentido mais genuíno do termo:

*A distinção entre o “verdadeiro” e o “falso”, a determinação, em geral, de factos é fundamentalmente diferente do acto criador de estabelecer, de formar, modelar, subjugar, querer, tal como está na essência da filosofia. Inserir um sentido - essa tarefa permanece absolutamente sempre por cumprir, supondo que nenhum sentido esteja já presente. [...] O grau ainda mais elevado consiste em estabelecer um fim e, a partir daí, moldar o factual, ou seja, interpretar o facto e não apenas reformulá-lo conceitualmente (NF/FP 1887, 9[48], KSA 12, p. 359).*

Parece-me que aqui Nietzsche propõe um nível superior de actividade filosófica: um processo activo de fixação de um objectivo e de moldagem, com base nesse objectivo, dos chamados “factos”, que assim beneficiarão de uma interpretação “justa”, mas não totalitária nem vinculativa. Ao *conhecer que algo “é” desta e daquela forma* [a verdade], Nietzsche opõe *o fazer com que algo “se torne” de um modo e de outro*, lendo nisso graus de antagonismo da força criativa. Toda a *elevação dos homens* implica a superação de interpretações mais restritas; toda a ampliação do poder abre novas perspectivas e impõe a crença em novos horizontes (“todas estas coisas se encontram por toda a parte nos meus escritos”; NF/FP 1885-86, 2[08], KSA 12.114): trata-se, repetimos, de um processo criativo, confiado ao indivíduo que tenha essa capacidade e à actividade informadora da sua vontade de potência.

Quem não é capaz de impor a sua vontade às coisas, o sem-vontade e sem-força, ao menos ainda lhes atribui um *sentido*: ou seja, a crença de que nelas já exista uma vontade, que deve agir e querer nas coisas. É um critério da *força de*

*vontade* saber até que ponto se pode prescindir de *sentido* nas coisas, até que ponto se é capaz de suportar viver num mundo sem sentido: *porque se organiza, ao menos, um pequeno pedaço dele* [weil man ein kleines Stück von ihr selbst organisirt] (NF/FP 1887, 9[60], KSA 12.364).

A força organiza aquilo que está próximo e imediato, e opõe-se ao estabelecimento do “*ti esti*”, do “o que é” em grande escala. A constituição dessa organização temporária é confiada ao instinto - é ele que fala da maneira certa, é no instinto que é preciso voltar a confiar (a alegria mais profunda e radical nasce quando os instintos deixam de desconfiar de si mesmos); nas sensações, no mundo dos afectos<sup>9</sup>.

Inicialmente indicados como causa do conhecimento falacioso, na época de *Humano, demasiado humano* e de *Aurora* (“Os hábitos de nossos sentidos nos envolveram na mentira e na fraude da sensação: estas são, de novo, os fundamentos de todos os nossos juízos e “conhecimentos” - não há escapatória, não há trilhas ou atalhos para o *mundo real!*”; M/A 117, KSA 3.110), as sensações, os impulsos, as perspectivas subjectivas passam agora a ser os protagonistas daquele processo dinâmico que orienta a interpretação de nós próprios e do único mundo, que Nietzsche define em oposição ao mundo “verdadeiro” - e, ao que nos parece, com uma expressão adequada - como “o mundo *que nós próprios somos*” (FW 346, KSA 3.579; NF/FP 1888, 14[103], KSA 13.280). A este propósito, revela-se interessante um fragmento de 1885, no qual Nietzsche reflete - mais uma vez - sobre a possibilidade de

9 Sobre estes temas, cf. Lupo (2006, cap. 1).

intervir conscientemente nos nossos hábitos cognitivos e sensoriais:

A nossa tarefa é cultivar a sensação correcta, ou seja, aquela que corresponde a coisas verdadeiras e a juízos acertados. Isto *não* significa restaurar algo: pois tais sensações nunca existiram. Não nos deixemos enganar pela expressão “sensação natural ou real”! Isso quer dizer “popular”, “antiquíssimo”, “universal” - mas nada tem a ver com a verdade. Só com base em sensações *correctas* [*richtige Empfindungen*] é que os seres humanos se podem *entender* de forma duradoura e a qualquer distância. Para isso, são necessárias *novas* valorizações. Antes de mais, uma crítica e eliminação das antigas. O que é preciso agora *desaprender* é justamente a massa mais próxima, aquilo que dá trabalho (NF/FP 5[25] 1887, KSA 9.186).

Novas valorações, nascidas da vida e não da sua negação, que aceitam a contradição e a reconhecem como algo próprio do vivente; que às borboletas esclerotizadas do entomólogo, fixadas numa tela, preferem “o valor do mais breve e efêmero, o sedutor fulgor dourado no ventre da serpente *vita*” (NF/FP 1887, 9[26], KSA 12.348). Sedutor e cintilante justamente como o reflexo prateado das criaturas míticas temidas por Ulisses (e por muitos filósofos depois dele) no caminho do conhecimento:

Os filósofos, antigamente, receavam os sentidos; não esqueceremos demasiadamente esse receio? Somos hoje todos sensualistas, nós os da filosofia presente, e *não* em teoria, mas praticamente... Eles receavam, pelo contrário, ser seduzidos pelos seus sentidos, arrancados ao *seu mundo*, o frio reino das “ideias”, para se verem arrastados para o sul numa ilha perigosa onde as suas virtudes de filósofos fundiriam como neve ao sol. Era necessário pôr “algodão nos ouvidos” para fazer filosofia; era uma condição quase obrigatória; um verdadeiro filósofo quase deixava de entender a vida, na

medida em que esta é música; *negava*, portanto, a música da vida; é uma velha superstição dos filósofos pensar que toda a música vem das sereias... (FW/GC 372, KSA 3.623).

Serpentes e sereias: símbolos de ameaça e, ao mesmo tempo, de atração, que foram sempre decapitados pela lâmina fria do conhecimento, aterrorizada pelo seu poder sedutor. Como Nietzsche nos explica em *A Gaia Ciência*, “quando viver e conhecer pareciam contradizer-se, nunca havia luta séria; duvidar, negar, passavam por loucura” (FW/GC 110, KSA 3.469). Agora, a vida deve prevalecer: esta, na minha opinião, é a síntese e o significado último da transvaloração.

Esse é o maior erro que alguma vez se cometeu, o verdadeiro destino trágico do erro sobre a Terra: acreditou-se possuir um critério da realidade nas categorias da razão, quando na verdade elas existiam para dominar a realidade, para a *interpretar erroneamente* de forma inteligente... E eis o que aconteceu: o mundo tornou-se falso, precisamente por causa das qualidades *que constituem a sua realidade* - mudança, devir, multiplicidade, oposição, contradição, guerra (NF/FP 1888, 14[153], KSA 13.336).

É tempo de uma nova seriedade, ou melhor, da tentativa de uma nova seriedade, à maneira experimental de Nietzsche:

O nosso esforço pela seriedade consiste [...] em compreender tudo como devir, em negar-nos como indivíduos, em procurar ver o mundo a partir do *maior número* possível de olhares, *viver* nos impulsos e nas ocupações PARA, com isso, formar olhos, abandonar-se *temporariamente* à vida para, depois, poder descansar temporariamente acima dela com o olhar: os impulsos *sustentam* todo o conhecimento como fundamento, mas é preciso saber quando se tornam inimigos do conhecimento; em suma, ESPERAR para ver até que

ponto o *saber* e a *verdade* se podem INCORPORAR - e em que medida ocorre uma transformação do ser humano quando ele, finalmente, já só vive *para conhecer* (NF/FP 1881, 11[141], KSA 9.494).

Um conhecer que talvez um dia possamos chamar verdade, sobre o qual possamos voltar a erguer a nossa tábua de valores. Nietzsche tentou fazê-lo com a sua *Transvaloração*, movido pela urgência desta pergunta: “Como foi isso realmente *possível*? Questão: por que é que a vida, a boa constituição fisiológica, sucumbiram por toda a parte? Por que é que não houve uma filosofia do *sim*, nenhuma religião do *sim*?” (NF/FP 1888, 14[137], KSA 13.321).

Em resposta, a nova tábua de valores será agora a dos “affectos *afirmativos*”: entre outros, o orgulho, a alegria, a saúde, o amor entre os sexos, o respeito, a gratidão pela terra e pela vida: “Tudo o que é rico e quer dar, e que presenteia, doura, eterniza e diviniza a vida - todo o poder das virtudes *transfiguradoras*... tudo o que aprova, diz *sim*, faz *sim*” (NF/FP 1888, 14[11], KSA 13.222).

A chamada aparência escreve novamente as suas regras: “O que é agora a aparência para mim! Não será certamente o contrário de um ser. [...] A aparência é para mim a própria vida e a própria acção, a vida que troça bastante de si para me fazer sentir que há nela apenas aparência, fogo-fátuo, dança dos elfos e nada mais” (FW/GC 54, KSA 3.416) - um *nada mais* que, na verdade, é tudo. A “aparência” pertence à realidade: é uma forma do seu ser; é o mundo em que vivemos, em que dançamos a nossa dança e sonhamos o nosso sonho. Mas se, até agora, neste mundo os nossos instintos operaram acomodando e simplificando, sabemos agora que *o mundo que nós pró-*

*prios somos* é um mundo de relação - tem, em determinadas circunstâncias, *uma face diferente* a partir de cada ponto de vista distinto; é o mundo das vontades de poder<sup>10</sup>.

A filosofia já não pode ser metafísica: depois de ter sido observação psicológica e investigação genealógica, na melhor das hipóteses pode tornar-se numa dietética, como nos ensina *Ecce Homo*<sup>11</sup>, já que “até aqui ainda em nenhuma filosofia se tratou da ‘verdade’, mas sim de outra coisa, digamos de saúde, de futuro, de crescimento, de força, de vida...” (FW/GC, *Prefácio 2*, KSA 3.347).

A vida é vontade de potência e vontade de potência é outra forma de dizer vida<sup>12</sup>. Esta é uma interpretação. Certamente - e tanto melhor - dir-nos-ia o Nietzsche de *Para além do bem e do mal* (JGB/BM 22, KSA 5.37). Uma interpretação que Nietzsche sustenta segundo o princípio newtoniano “*hypotheses non fingo*”: trata-se da evidência de uma força que ele pretende conseguir identificar em todo o ente, orgânico e inorgânico, como impulso para se superar, para procurar novas possibilidades de expressão e de realização.

Segundo Nietzsche, a vontade de potência anima-nos e dá origem a configurações pulsionais que se manifestam superficialmente em forma de instintos: segui-los é afirmar *o mundo que nós somos*, é seguir, por assim dizer, o nosso ritmo natural. Com base nesta ideia, Nietzsche pode

10 Cf. NF/FP 1888, 14[93], KSA 13.270. O recurso ao plural, quando se fala de “vontades de poder”, é obrigatório, sobretudo após os estudos de W. Müller-Lauter. Cf., em particular, Müller-Lauter (1971 e 1974).

11 Cf., por exemplo, EH, *Porque sou tão sábio* 10, KSA 6.295.

12 Cf., por exemplo, NF/FP 1885, 38[12], KSA 11.610 e JGB 13, KSA 5.27.

então afirmar, por exemplo, no *Crepúsculo dos Ídolos*, que “*ter de combater os instintos [é] a fórmula da decadence: enquanto a vida ascende, a felicidade é igual ao instinto*” (GD/CI, *Il problema di Socrate*, 11, KSA 6.72).

Agir contra a própria natureza é cansativo - se é que é sequer possível: adoce, tal como no exemplo de Sócrates, evocado no *Crepúsculo dos Ídolos*. Aliás, para falar mais adequadamente, isso denota *que já se está* doente: sintoma (*Symptom*) e sinal (*Zeichen*) ao mesmo tempo. Esconde-se aqui um juízo de valor? Mantenhamos por um momento esta pergunta em suspenso. A vontade de potência - que move, escolhe, interpreta, e que, por sua própria natureza, nada quer senão o seu próprio escoamento - fá-lo da forma que lhe é mais própria. Afinal, Nietzsche é claríssimo:

O ritmo de vida do mundo não é divino, pior, nem sequer é humanamente razoável, ou miserável, ou justo; sabemos que o mundo em que vivemos é ímpio, imoral, “desumano”; durante tempo demais interpretamo-lo de maneira errada, mentirosamente, de acordo com a nossa veneração, quer dizer, com a nossa *necessidade* (FW/GC 346, KSA 3.579).

*Nada de racional, de piedoso ou de justo segundo a medida humana.* Isto desagrada-nos, é evidente: não somos capazes de percorrer o caminho para o além do bem e do mal; enredados como estamos na armadilha da gramática e ainda impregnados de platonismo moral, é praticamente impossível para nós não intervir com um rótulo moral. Mas as nossas são perspectivas distorcidas, o olhar de um doente. O que conta como “bom”, se ainda quisermos usar esta palavra, é aquilo em que a vontade de

potência se expressa mais claramente, é o instinto que encontra de forma mais fecunda a sua expansão.

Então, parafraseando uma fórmula cara aos niilistas: “nada é bom, tudo é permitido”? Toda e qualquer expressão do instinto tem a mesma legitimidade? Sem querer fazer de Nietzsche um “bonzinho” ou negar certas afirmações perturbadoras que, mesmo contextualizadas, são inegáveis, acreditamos, no entanto, que Nietzsche conserva uma certa hierarquia entre as manifestações da vontade de potência. Basta olhar, por exemplo, para o conceito de *décadence*, que para Nietzsche designa a hipertrofia de um elemento em detrimento do todo. É conhecida a proveniência deste conceito dos *Ensaio de psicologia contemporânea* de Paul Bourget, segundo os quais “a frase isolada torna-se soberana, a subordinação e a coordenação tornam-se casuais” (NF/FP 1883, 24[6], KSA 10.645)<sup>13</sup>. Na predileção por certas manifestações do impulso vital, está implícita - a meu ver - essa noção de equilíbrio: formas “baixas” de vontade de potência são, para Nietzsche, aquelas em que o equilíbrio é minado, em favor de uma hipertrofia - de um órgão, do gosto, de uma necessidade: em primeiro lugar o ressentimento, a agressividade, em geral toda força reativa. Formas em que a existência é mais poderosa e mais fecunda são aquelas em que o equilíbrio (sempre temporário) é perseguido e preservado.

Se no símbolo dionisíaco se alcança o limite extremo da afirmação, um “sim derradeiro, entusiasta, exuberante e folgazão à vida” (EH/EH *Porque escrevo livros tão bons*, “O nascimento da tragédia” 2, KSA 6.311), a filosofia dionisíaca do último Nietzsche absorve e conserva em si a medida

13 Nesta nota póstuma, Nietzsche cita Bourget (1883, p. 25).

do apolíneo. A grandeza do espírito nietzschiano reside precisamente na capacidade de governar essa multiplicidade, que ele vive na própria carne (de facto, em *Ecce Homo* ele admite “o facto de ser um *décadent*”, mas também afirma ser “igualmente o seu contrário”; EH/EH *Porque sou tão sábio* 2, KSA 6.266). Também na sua autobiografia intelectual, Nietzsche escreve:

Para a tarefa de uma *transmutação dos valores* exigiam-se talvez mais faculdades do que as que alguma vez habitaram, lado a lado, num só indivíduo, sobretudo também oposições de faculdades, sem que estas houvessem de se destruir e perturbar. Hierarquia das faculdades; distância; a arte de separar, sem hostilizar; nada mesclar, nada «reconciliar»; uma multiplicidade ingente que, apesar de tudo, é o contrário do caos - tal foi a condição preliminar, o longo e secreto trabalho e o dom artístico do meu instinto (EH/EH *Porque sou tão sábio* 9, KSA 6.293).

*Ecce Homo* é, no fundo, o relato de até onde pode ousar um espírito bem conduzido e o convite a explorar até onde, afinal, podemos chegar: ainda precisamos da “Verdade” ou somos capazes de nos contentar com aqueles fulgores fugazes que acompanham o movimento, sempre sinuoso e nunca retilíneo, da vida?

## **The seductive golden gleam in the womb of the serpent of life. Nietzsche and the (non-)value of truth**

**Abstract:** The article addresses the issue of the (non-)value of truth in Nietzsche, and his attempt to explore the possibility of a new table of values founded on the affirmation of becoming. If “truth” is interpreted as a body of lies functional to the negation of life and the overturning of vital values, the transvaluation does not imply new absolutes, but the emergence of historical-scientific and genealogical methods capable of restoring a perspectival and creative character to philosophy.

**Keywords:** truth, lies, immanence, perspectivism.

## **Declaração de disponibilidade dos dados**

Os autores afirmam que os artigos publicados no periódico **Cadernos Nietzsche** procedem à revisão bibliográfica enquanto método de pesquisa que analisa e sintetiza informações existentes, especialmente, em livros e artigos científicos sobre a filosofia de Nietzsche, objetivando identificar conceitos-chave, teorias relevantes, lacunas na literatura existente e propor interpretações originais acerca do pensamento do filósofo. Os dados concernentes aos artigos constam nas referências bibliográficas no final de cada texto, detalhando a procedência em notas de fim de página, disponibilizando assim todo o material utilizado na pesquisa.

## Referências

- BOURGET, P. *Essais de psychologie contemporaine*. Paris: Lemerre, 1883.
- BROBJER, TH., The Place and Role of Der Antichrist in Nietzsche's Four Volume Project Umwerthung aller Werthe. In: *Nietzsche-Studien*, vol. 40, pp. 244-255, 2011.
- COLLI, G. *Nota introduttiva*. In: NIETZSCHE, F. *L'Anticristo*. Milão: Adelphi, 1982.
- LUPO, L. *Le colombe dello scettico. Riflessioni di Nietzsche sulla coscienza negli anni 1880-1888*. Pisa: ETS, 2006.
- MONTINARI, M. *Che cosa ha detto Nietzsche*, [1975], editado por G. Campioni. Milão: Adelphi, 1999.
- MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche. Seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze seiner Philosophie*. Berlim/Nova Iorque: de Gruyter, 1971.
- MÜLLER-LAUTER, W. Nietzsches Lehre vom Willen zur Macht. In: *Nietzsche-Studien*, vol. 3, pp. 1-60, 1974.
- SOULADIÉ, Y. Zarathoustra et Dionysos, *Alvearium*, vol. XVII, n. 17, pp. 39-55, dezembro 2024.
- WINTELER, R. Nietzsches Antichrist als (ganze) Umwerthung aller Werthe. Bemerkungen zum "Scheitern" eines "Hauptwerks". In: *Nietzsche-Studien*, vol. 38, pp. 229-245, 2009.

Enviado:

20/09/2025

Aceito:

01/10/2025

Pareceristas:

Scarlett Marton

Jelson Oliveira